



Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Methodológicas  
Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

Eixo Temático 6 - Educação e suas Tecnologias

## **AS REDES SOCIAIS: CONTRIBUIÇÕES E IMPLICAÇÕES PARA UMA PERSPECTIVA EDUCACIONAL NO ENSINO SUPERIOR**

**Laedson Luiz Fernandes – UFPE**

**Joyce Bezerra de Souza – UFPE**

**Magna Sales Barreto - UFPE**

### **Resumo**

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa em andamento, que tem como objetivo analisar a contribuição das redes sociais no processo educacional especificamente no ensino superior. Tendo os ciberespaços e as novas tecnologias ampliados estes conceitos e formas de sociabilidade entre estes indivíduos, ao longo dos anos surgiram novas práticas como a criação de redes sociais, e são vários os domínios que fazem uso deste novo cenário que está posto. Todavia sua aplicação no contexto educativo ainda é pouco explorada, então partindo de uma inquietação, pretendemos analisar de forma qualitativa para levantamento e análise de dados que influenciam estes indivíduos a acessarem e usarem estes espaços de interação sócio-virtual, especialmente o Facebook. No tocante este artigo vem abordar de como importante é a adesão de professores e estudantes de nível superior que se conectam as redes sociais com finalidades de cunho educacionais, e de como isto pode ser benéfico se usado com as devidas propriedades pedagógicas e de como também as mesmas redes criam um ambiente fictício e isolam os indivíduos em mundos alheios à sua realidade revestindo-se de simplório entretenimento virtual.

**Palavras-Chave: Redes Sociais, Mídias e Educação, Ciberespaços.**

### **Introdução**

As redes sociais crescem a cada dia e são veículos de informações mais usuais da última década, entretanto o seu uso como ferramenta educacional ainda é pouco contemplado em seus diversos níveis de escolarização, esta ferramenta cibernética que movimentada as massas de todas as classes, ainda é pouco vista como ferramenta educacional, assim como alguns outros recursos que a internet oferece, como blogs, sites de buscas, e-mail, entre outros.

As redes sociais como afirma Aguiar (2007), “são antes de tudo, relações entre pessoas, estejam elas interagindo em causa própria, em defesa de outrem ou em nome de uma organização, mediadas ou não por sistemas informatizados...”. Desta forma as redes sociais são ferramentas que promovem interação de pessoas com pensamentos afins, onde a subjetividade, informalidade são valorizadas.

Nessa perspectiva Costa (2005) afirma que “Quanto mais um indivíduo interage com outros, mais ele está apto a reconhecer comportamentos, intenções e valores que compõem seu meio.”, ou seja, a interação que as redes sociais virtualizadas promovem é capaz de colaborar para a postulação e reconhecimento de identidades dos usuários.

Partindo destas considerações iniciais, as tecnologias de informação e comunicação (TIC) podem ser usadas como meio de aprimoramento e estreitamento de elos ou caminhos para a obtenção de uma estrutura educacional mais globalizada pelos indivíduos ou o “distanciamento”, “encobrimento” desta realidade, pois as redes sociais como, todo o conteúdo que é posto e mantido na rede mundial de comunicação, é uma forma de viabilizar conhecimentos para uma aprendizagem de amplas e diversas concepções de um mesmo conteúdo, divulgando e democratizando saberes ou para a manipulação de indivíduos e informações, a depender de sua utilização.

A pretensão deste artigo é abordar as contribuições que as redes sociais podem trazer para um âmbito educacional e suas respectivas implicações no que se refere à inviabilização do pensamento crítico, ou seja, o não questionamento sobre as influências destes ambientes virtuais, então a proposta é discutir as implicações que alunos e professores de nível superior compreendem na rede social – Facebook, e como essa rede virtual é utilizada por estes, numa compreensão pedagógica e de entretenimento.

Inicialmente a pesquisa se dá pelo campo bibliográfico que trazem questões sobre o uso das redes sociais, quanto à afetividade, as sensações, as intenções, os valores que permeiam a utilização desses espaços pelos internautas, especialmente no Facebook, uma ferramenta midiática crescente em número de adeptos e popularização de estudantes e professores de nível superior na Universidade Federal de Pernambuco.

Posteriormente a pesquisa intenciona fazer uma pesquisa qualitativa com cerca de 40 participantes sobre os usos que os mesmos fazem do Facebook. Tudo isto objetivando compreender a motivação da adesão expressiva que se evidencia, através da observação doméstica, da internet e principalmente das redes sócio-virtuais como veículo midiático cada vez mais preponderante na comunicação, atuando inclusive como ferramenta educacional.

A ideia do confronto da teoria com análises práticas, buscando entender a realidade da observação cotidiana da inserção tecnológica via rede sócio-virtual foi preponderante agente instigador do início da pesquisa vigente, que trará ganhos

incomensuráveis para o entendimento subjetivo desta rede social que atrela alunos e professores em frente à nova visão de comunicação representada pelos ciberespaços.

### **As redes sociais: Ciberespaços, Cibercultura e Cibercidades**

A primeira rede social a ser lançada foi a SixDegrees.com, no ano de 1997 e permitia a seus usuários criar perfis e adicionar amigos, porém a criação de perfis ou grupo de amigos já existia antes da SixDegrees.com, todavia estas listas eram ocultas e, portanto era uma falha no conceito atual que as redes sociais utilizam que é exibição de parte de dados de cada indivíduo que se agrega as respectivas redes. A partir deste pontapé inicial foram criadas várias outras redes como o Live Journal em 1999, que concedia a possibilidade de marcar várias pessoas virtuais como amigas e seguiam este jornal e criavam perfis profissionais ou simplesmente perfis de amizades, porém este tipo de interação virtual e global teve sua explosão de usabilidade. Em 2003 com o surgimento de redes como LinkedIn, MySpace, LastFM e Hi5, que tinham o objetivo de alcançar públicos de maneiras distintas, que vão do vínculo profissional ao âmbito musical como no caso do MySpace, que reuni uma gama imensa de músicos de mundo inteiro, porém no Brasil as redes sociais tiveram sua explosão massiva com o Orkut que foi criado em 2004, e se expandiu mundialmente muito rápido ganhando assim adeptos no mundo inteiro e que se manteve como líder neste quesito durante alguns anos e que foi perdendo campo para o Facebook que atualmente é a rede social mais utilizada no mundo inteiro e que também teve sua origem no ano de 2004, porém se popularizou um ano depois<sup>1</sup>.

De acordo com Patrício e Gonçalves:

As redes sociais representam uma nova tendência de partilhar contatos, informações e conhecimentos. O Facebook é uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo para interagir socialmente. Esta interação surge essencialmente pelos comentários a perfis, pela participação em grupos de discussão ou pelo uso de aplicações e jogos. É um espaço de encontro, partilha, discussão de ideias e, provavelmente, o mais utilizado entre estudantes universitários. (PATRÍCIO E GONÇALVES, 2010).

E nesta perspectiva de interação de pessoas através da participação em discussões de todos os tipos que jovens e universitários vem cravando uma ampla participação no Facebook ao invés da também tão popular rede social - Orkut, onde o foco da rede sócio virtual são os recados, vídeos postados, jogos interativos,

---

<sup>1</sup>Cf. [www.cachynetworks.wordpress.com/o-que-sao-redes-sociais/historia-das-redes-sociais/](http://www.cachynetworks.wordpress.com/o-que-sao-redes-sociais/historia-das-redes-sociais/)

depoimentos e fotografias pessoais dos participantes. O que não extingue o Orkut da visitação dos estudantes ou da preferência de muitos internautas, por se tratar de uma rede já implantada no país e de muitos adeptos, seguidores, de fácil manipulação e contato com pessoas de várias partes do mundo. Nessa perspectiva Lisbôa afirma que:

Podemos dizer que as comunidades virtuais representam o interesse de um determinado grupo de pessoas que partilham de informações comuns, o que as torna um espaço para as mais variadas manifestações artísticas, culturais, promovendo a aproximação e unindo-as pelos mais diversos interesses. (LISBÔA, 2010).

Logo, a rede social seja por meio do popular Facebook ou de outras redes vem ampliando o número de participantes de todas as idades e interesses, por serem hoje as redes sociais virtuais um forte mecanismo de interação com indivíduos com interesses comuns, que partilham de novidades constantemente, que servem de divulgação de informações sobre o mundo, que promove eventos e pensamentos, ou seja, mais que uma simples troca de recados e *bisbilhotagem* do perfil do outro, uma verdadeira fonte de comunicação digital. “Nos níveis informais, as redes são iniciadas a partir da tomada de consciência de uma comunidade de interesses e/ou de valores entre seus participantes.”, como alega (MARTELETO, 2001).

Com a criação das redes sociais e as demais formas de uso da internet foram geradas nomenclaturas para esta nova forma de concepção do mundo que foi denominada cibercultura ou cultura cibernética, ou seja, atos ou ações praticadas e perpetuadas por um determinado grupo, mas que na verdade se propagou de tal forma que interculturalizou o que se concebe como cultura, uma cultura universal e seguindo esta lógica geram-se também os ciberespaços que são locais virtuais de comunicação, porém este termo ciberespaço já havia sido inventado 1984 por William Gibson em seu livro de ficção *Neuromante*, mas que depois da criação da rede mundial de computadores, foi introduzido como uma nomenclatura e denominação dos espaços virtualizados, assim como os conceitos de cibercultura e cibercidades.

A ideia de cidades virtuais está a cada dia mais evidente, pois na maioria das ações do cotidiano humano o virtual está presente em diversas áreas como, por exemplo, lojas virtuais, bancos, bibliotecas, músicas, vídeos, e esta relação de transição do real com o virtual e do virtual com o real é um tanto complicado de se perceber e separar nos dias atuais, pois existem na atualidade dois tipos de seres, os nativos digitais e os imigrantes digitais, que no decorrer deste artigo será abordado. As cidades virtuais

se propagam assim como discussões de como estão se preparando os indivíduos para a assimilação desta realidade digital, pois o que se percebe é que existe uma proliferação de seres virtuais mais sem saber o porquê de seu caráter virtual, acessam sítios de diversas modalidades, mas sem a verdadeira ciência de que o real ainda é tão presente e se funde de uma maneira tão veloz que até parece natural. Esta naturalização do virtual com o real e que fazem a não percepção do ambiente a que está adentrando, e de que este ambiente é criado, e cria os seres e os gerencia, e são ambientes que ditam regras, tanto de comportamento de acesso e uso, de certa maneira privatiza os seres virtuais.

Esta compulsão em ser virtual ou estar virtualizado, ainda é um tanto nebulosa para os imigrantes digitais, pois as relações humanas, não são mais humanas e sim relações virtuais e digitais, num ambiente completamente alheio a uma parte destes indivíduos, que é mais evidenciado pela camada social, os indivíduos mais favorecidos economicamente ou que tem acesso com mais frequência ao uso das tecnologias são introduzidos a este novo modelo com mais fluência e “naturalidade”, já os menos favorecidos economicamente tem um distanciamento pelo simples fato de não ter o contato e acesso facilitado, e isto é classificado por LÉVY (1999), como “info-ricos” e “info-pobres”, onde fica evidenciado que não há acesso para todos, que não há uma democracia digital.

Um bom modelo de cidade digital de caráter positivo é Amsterdã, onde se encontra duplicados todos os serviços e dispositivos de uma cidade clássica, onde há interação do real com o virtual e de maneira gratuita para todos os níveis, e vem crescendo continuamente e sem interrupções deste desenvolvimento, e que aparentemente irá estimular a outras cidades a realizar a mesma experiência, então o projeto de rede social de livre acesso deu certo, mas existe um ponto muito importante nisso tudo é que as comunicações desta cidade virtual são todas realizadas na língua materna, ou seja, no holandês e não em inglês e também pela gratuidade do serviço, isto são fatores determinantes no sucesso desta rede social, pois não impedem a ninguém daquele grupo social a ter acesso a todas as informações, não existem distinções e nem privatizações.

Então esses ciberespaços que foram se expandindo devido a esta concepção de cibercidades poderiam ser aplicadas a várias outras instâncias e não se ater só ao meio comercial, mas fazer uso da cibernética para fins educacionais, embora o uso da cibercultura como meio de ampliar o sócio-virtual é uma maneira socioeducativa do uso

da cibernética pedagógica. Logo os ciberespaços com viés educacionais poderiam auxiliar os diversos níveis educacionais e não apresentariam as redes sociais como simples entretenimentos ou formas de isolar os indivíduos em um ambiente virtual sem conexão ou diálogo com o mundo real, pois a propagação deste ambiente depende totalmente das relações humanas já previamente existentes, senão é inconcebível afirmar a criação de laços midiáticos sem pressupostos de sociabilidade humana.

### **As redes sociais como ferramenta educacional**

A grande maioria das redes sociais hoje ampliou o seu conceito inicial que cada uma propunha como, por exemplo, o Facebook que inicialmente estava disponível somente a estudantes de Havard, mas devido ao seu sucesso, passou a ser uma rede social aberta a todos e em diversas línguas e que foi se adequando as necessidades de cada cultura e hoje promove uma ação social massiva, ou seja, ela agrega valores de movimentos sociais de estudantes, professores e profissionais de várias outras áreas no que se refere à popularização das informações e organização de atos de protestos.

Tornando-se assim atualmente o Facebook a rede social mais utilizada no Brasil e não só como entretenimento, mas cumprindo um papel fantástico de divulgação, contudo este uso como ferramenta que agrega valores de positividade não é efetivado pela grande maioria dos usuários deste veículo cibernético, pois ainda existem resquícios de seu antecessor - o Orkut, que promovia a interação entre os indivíduos, mas não com o viés de movimento social, com fins em protestos ou reivindicações ou promoção de diálogos educacionais, e sim como troca de “figurinhas” e canal de recados, coisa que o MSN, ICQ, Skype, Google Talk, Twitter, já faziam e fazem ainda e com uma melhor qualidade no se propõe a fazer, mas os dissidentes do Orkut que migraram para o Facebook em sua maioria ainda trazem consigo só estas funções da “ex-rede” social de preferência – o Orkut.

E o fato destas redes sociais interagirem como mecanismo de existência virtual para uma grande massa mundial, perpassa pela ideia de classe virtual ou até mesmo um sonho de democracia eletrônica em que Lévy diz que:

Prometemos a vocês a utopia da democracia eletrônica, do saber compartilhado e da inteligência coletiva. Na verdade, eles não terão nada além do domínio de uma nova classe virtual, composta por magnatas das indústrias dos sonhos (cinema, televisão, videogames), dos programas, da eletrônica e das telecomunicações, rodeados pelos idealizadores, cientistas e engenheiros que comandam o canteiro de obras do ciberespaço, sem esquecer os ideólogos ultraliberais ou anarquistas e os sumos sacerdotes do virtual, que

justificam o poder dos outros. (LÉVY, 1999).

E que a cada dia este mundo real é exterminado, uma conquista sutil, porém significativa que vai se expandindo e tomando todos os espaços possíveis, e com uma velocidade voraz, nessa perspectiva Baudrillard diz que:

O imaginário era o álibi do real, num mundo dominado pelo princípio de realidade. Hoje em dia, é o real que se torna álibi do modelo, num universo regido pelo princípio de simulação. E é paradoxalmente o real que se tornou a nossa verdadeira utopia que já não é da ordem do possível, aquela com que já não pode senão sonhar-se, como um objeto perdido. (BAUDRILLARD, 1991).

Como podemos observar, os ciberespaços são meios fictícios que representam o mundo real de tal forma que na atualidade é inconcebível para muitos, pensar outra maneira de interação sem ter o mundo virtual como fonte principal de socialização indissociável, nesta concepção do que é real e irreal compreende-se que:

A conquista do espaço constitui neste sentido um limiar irreversível para a perda do referencial terrestre. Há hemorragia da realidade como coerência interna de um universo limitado quando os limites deste recuam para o infinito. A conquista do espaço, que veio depois da do planeta, equivale a desrealizar o espaço humano, ou a revertê-lo para um hiper-real de simulação. (BAUDRILLARD, 1991).

Logo este niilismo do real é cada vez mais evidente, ou seja, a perda do sentido real é a abstração dos seres humanos para seres virtuais, e a virtualização dos espaços reais é a naturalização do imaginário como primícias e não como ação derivada ou consequência do mundo real. A naturalização da virtualização do indivíduo por meio de perfis sociais – identidades construídas pelos usuários, muito colaboram para o reconhecimento dos mesmos em grupos afins, possibilitando a organização mais efetiva de movimentos sócio-virtuais e de propagação educacional de escala larga, rápida e econômica. Bruno relata que:

As identidades projetadas em bancos de dados na forma de perfis computacionais são espécies de duplos digitais ou simulações de identidades cuja efetividade não depende de vínculos profundos com os indivíduos a que correspondem, nem de um espelhamento fiel de uma personalidade ou caráter subjacente. Ou seja, elas não *são* identidades “dadas”, mas *se tornam* “reais” ou “efetivas” na sua função antecipatória mesma, quando os indivíduos se identificam ou se reconhecem de algum modo no perfil antecipado, acionando desde então algum tipo de comportamento, cuidado ou escolha. (BRUNO, 2006).

Desta forma, as identidades que os usuários das redes sociais promovem através dos perfis são preponderantes para a disseminação de valores, intenções, escolhas que determinados grupos acolhem, onde a principal via de acesso são as redes virtualizadas

de relacionamentos.

Os ciberespaços agregaram diversos sentidos e valores, nos quais, ao longo da sua construção e reconstrução, que é uma constante, nos apresenta várias relações com o público ao qual está totalmente inserido neste meio e outro que ainda está em transição com este meio, que são os nativos digitais e os imigrantes digitais.

Os nativos digitais são aqueles indivíduos que nasceram na era digitalizada, ou seja, na era da informação que na sua construção social já é “nato” a presença de objetos de interação cibernética como, internet, telefone celular, MP3, MP4, Ipod, etc., e que a sua vida sócio/educativa/cultural está intrinsecamente ligada a estes objetos, onde para estes sujeitos é inconcebível pensar suas associações com o mundo real sem a presença de tais objetos.

Já os imigrantes digitais são aqueles que nasceram sem a presença destes dispositivos, e que estão a cada dia se relacionando com o mundo cibernético, porém com várias ressalvas para a incorporação definitiva para este “novo” ambiente em que estão se relacionando, pois foram muitas mudanças em pouco tempo e os ciberespaços vão evoluindo e crescendo assustadoramente para este público em especial<sup>2</sup>.

Este conflito de gerações vem trazendo várias discussões a respeito desta temática que é a cibernética ou era digital ou ainda era da informação, onde os sujeitos são passivos de uma implantação de uma nova concepção de vida que ainda estão alheios a tanta informação, e que são do campo do virtual e não do real, e que tal processo ainda é visto como uma surpresa para muitos destes indivíduos, mas para Freire, isto é uma barreira a ser transpassada quando ele diz que:

Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar. No próprio mundo físico minha constatação não me leva à impotência ..., Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. (FREIRE, 1996).

E esta relação de causa e efeito entre os nativos e imigrantes é benéfica em vários aspectos, pois traz a um ambiente contemporâneo, todos os aspectos inteligíveis dos imigrantes que se adaptam ao novo mundo cibernético em contribuição a construção dos saberes educacionais, e a troca de conhecimentos com os nativos que não puderam vivenciar tais experiências por já estarem natos neste ambiente, e estas contribuições

---

<sup>2</sup>Cf. <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>

para a visão educacional é bastante rica, porque promove a socialização dos fatos em duas vertentes, conhecimentos do mundo real posto no mundo virtual e conhecimentos do mundo virtual posto no real.

Porém, existe uma corrente que não entende isto como uma contribuição totalmente positiva, que entende que o sentido de real esta sendo perdido para o virtual, logo isto, tornaram os seres em quimeras vivas onde o pensamento é virtualizado.

O pensamento se encontra aliviado da hipótese do saber e da informação, de toda essa sobrecarga informacional e comunicacional com a qual o entulhamos – disso, o computador, que o faz muito melhor, nos livra. Liberados do real pelo próprio virtual, o pensamento pode se encontrar aí onde isso pensa, aí onde somos pensados. Pois o sujeito que pretende pensar sem ser pensado em troca não passa de um cúmplice orgânico prefigurando a inteligência inorgânica da máquina. É vencido em seu próprio campo e, por fim, é o virtual que o pensa. (BAUDRILLARD, 2002).

Contudo devemos ponderar as duas visões, sobre este determinado conceito, e evitar o extremismo, pois a falta de equilíbrio traz consequências desastrosas para todas as áreas do conhecimento, porém cabe a cada um dos indivíduos discernirem sobre o que deve reter para seu crescimento, em uma perspectiva socioeducativa que dialogue positivamente com as inovações tecnológicas.

### **O Facebook como agente da cibernética pedagógica**

O Facebook viabiliza um perfil personalizado para cada indivíduo, facilitando assim a comunicação entre seus usuários, compartilhamento de informação, diferentes tipos de jogos online, criação de álbuns de fotografias, criação de listas de amigos, etc. Ao se inserir como um membro do Facebook, os usuários podem compartilhar todos os dados que agregam sua conta naquele espaço virtual, como por exemplo: suas fotos, enviar mensagens, conversar com seus amigos, escrever nas publicações de seus amigos, participar de grupos, criar novos grupos, compartilhar ideias em grupos de discussões, adicionar aplicativo, interagir com vários tipos de jogos, arquivos de estudos, artigos e etc. O Facebook, diante de todas essas possibilidades tem sido acessado por milhões de usuários diariamente.

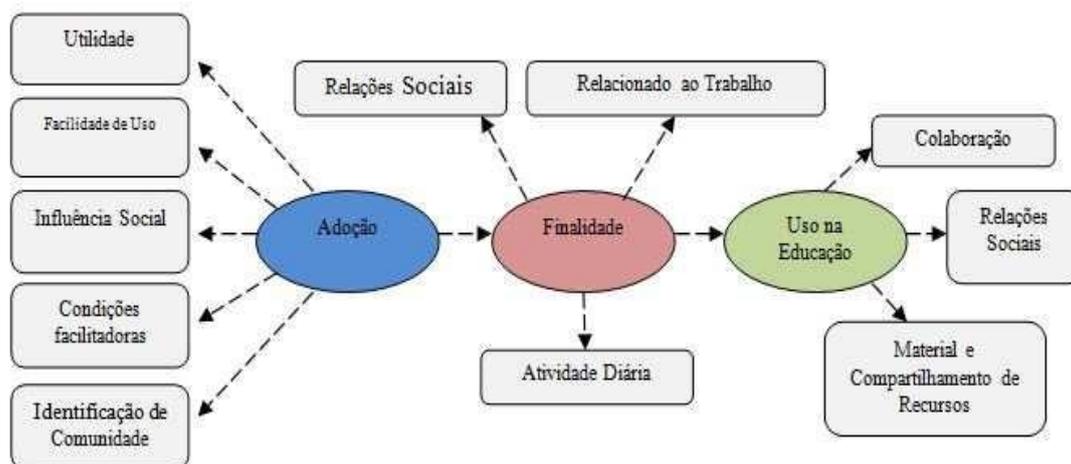
Dessa maneira, esta rede social, vem contribuindo para atrair cada vez mais, o interesse de diversos tipos de perfis de usuários, tais como professores, pesquisadores e grandes empresários. (MAZMAN e USLUEL, 2010).

A rede sócio-virtual Facebook está sendo considerada também como uma ferramenta educacional devido às suas qualidades benéficas como permitir comentários

dos colegas, e estar ajustado com outras ferramentas sociais, pelo seu contexto e interatividade. (MASON, 2006). O que estende à lista de adeptos da rede promovendo grande sucesso em relação à quantidade de acessos e satisfação dos usuários por sua variedade de serviços.

Logo, esta ação da cibernética pedagógica nas redes sociais procura elucidar tais evoluções, que tem como ponto chave a questão da cognição distribuída em rede. Tal conceito favorece a importância para entendermos cada vez mais a crescente no campo das mediações que são assumidas dentro da cibernética pedagógica, pois se propõe inter-relações entre inteligência e métodos interpretativos que estão inseridos na dimensão de ensino e aprendizagem. A noção de complementariedade entre o virtual e o real perpassa pelas possibilidades de mediação que são incorporadas na formação do docente e do discente, ou seja, de quem ensina e de quem aprende.

A maioria dos usuários do Facebook tem entre 18 e 25 anos de idade, sendo a maior parte estudantes universitários (BUMGARNER, 2007). Devido a isto, Mazman e Usluel (2010), acreditam que o Facebook pode ser uma ferramenta muito útil no âmbito educacional, pois proporciona a este público em especial ativas participações e colaboração. O quadro abaixo apresenta variações que influenciam a adesão do Facebook no meio educacional.



Fonte: Adaptado de Mazman e Usluel (2010).

Para entender por que as pessoas são motivadas a usar o Facebook, é importante primeiro entender o usuário comum do Facebook, de acordo com a comScore Media Matrix, as pessoas entre 18 e 25 desproporcionalmente usam métodos de comunicação online. Este mesmo grupo etário 18-25 é que constitui 51 por cento dos utilizadores dos

serviços de redes sociais. Isto evidencia o usuário típico do Facebook para o estágio de vida, que por vezes é denominada idade adulta emergente. (COMSCORE, 2005).

Os emergentes da idade adulta se encontram em um período de transição entre a adolescência e a idade adulta que ocorre a partir da idade de 18 aos meados dos 20 anos. Neste período, as pessoas estão experimentando a liberdade de viver por conta própria, e então pela primeira vez se sentem livres para prosseguir sem o amparo e vigilância de seus pais ou familiares, como uma construção autônoma em sua totalidade, porém se trata de mais uma experiência que pode ser positiva ou negativa, mas as relações tem que ser experimentadas para serem exibidos os resultados, sem experimentações não haveria resultados.

Para preencher esta lacuna que é agregada desta transição, as pessoas estão confiando em suas redes de amigos para apoiar e assumir o papel de uma família substituta.

Estas redes podem formar "tribos urbanas", como enfatiza o jornalista Ethan Watters, e podem ser unidades funcionais que levam em muitos papéis as mesmas atribuições que uma família tradicional poderia preencher. Alguns destes indivíduos destes grupos cuidam uns dos outros quando estão doentes, ou empréstimos financeiros quando existe alguma dificuldade financeira (WATTERS, 2003).

As redes sociais como o Facebook dão aos adultos emergentes uma forma de manter e construir suas redes de amizade, ao ligar para as pessoas na mesma área geográfica através das redes, é mais fácil do que nunca para estas pessoas se conectarem aos grupos e juntar tribos urbanas. Logo que esta comunicação está estabelecida os indivíduos se sentem como uma família, mesmo que virtualizada.

Em contraponto a este modelo estão as implicações que as redes sociais trazem, não só no âmbito educacional, mas em um contexto mais amplo, pois a cibernética faz parte do cotidiano dos indivíduos, e não mais se pode pensar uma sociedade sem o uso dela sendo excessiva ou moderada, a mesma já ganhou espaço vital, pois sujeitos sem identidade virtual realmente são indigentes virtuais e agora também indigentes reais, a ficção pode ultrapassar a realidade, nesta perspectiva Baudrillard relata que:

A ficção pode aí ultrapassar a realidade (ou o inverso: é mais subtil), mas segundo a mesma regra do jogo..., já não há ficção nem realidade, é a hiper-realidade que abole ambos. É essa, se é que ela existe, a nossa ficção científica contemporânea..., a ficção científica neste sentido já não está em lado nenhum e está em toda a parte, na circulação dos modelos, aqui e agora, na própria axiomática da simulação ambiente. (BAUDRILLARD, 1991).

Desta forma, os ambientes virtuais são à realidade para muitos destes indivíduos que fazem deste meio o único veículo de sociabilidade e de relacionamento, negando assim toda uma construção das relações humanas até então praticadas, do convívio real.

Esta contradição entre o real e o virtual nos leva a outra reflexão de que como é que estes mecanismos cibernéticos e midiáticos levam o sujeito a um estado de criticidade do que está sendo posto para a educação e outros pontos como sócio-político, ou ainda mais como os docentes veem toda esta gama de informações e sociabilidade de informações nas redes, ou será que estas redes sociais fazem um papel extraordinário no que se refere há reduzir o pensamento crítico e proliferar a ignorância, para Dufour (2005), existem dois tipos de pedagogo, o pedagogo pós-moderno e o simples pedagogo, o pedagogo pós-moderno é aquele que, para o bem dos alunos renuncia as atividades ou trabalhos ao qual eles foram menos hábeis para a sua realização, já o simples pedagogo é aquele que busca todos os meios possíveis para fazer o aluno se inserir no discurso do saber e instalando o mesmo numa função crítica.

Entramos em um dilema, pois se as redes sociais que são meios de relacionamentos, de comunicação massiva, é um meio que pode alienar ou elevar os seus usuários de tal forma que possamos extrair o seu melhor, e que também pode educar ou reduzir o pensamento e encobrir a realidade a sua volta, fica o questionamento sobre a verdadeira função dos ciberespaços, Dufour afirma:

Isto é, uma escola que deverá formar para a perda do sentido crítico de maneira a produzir um indivíduo incerto, aberto a todas as pressões consumistas. Nessa escola, que vale para a maioria, “a ignorância deverá ser ensinada de todas as maneiras concebíveis”. Os professores deverão, pois, ser reeducados sob a orientação de especialistas em pedagogia pós-moderna que mostrarão que não é preciso ensinar mais nada, remetendo-se unicamente a seus sentimentos do momento e a sua gestão vencedora. (DUFOUR, 2005).

Logo deveríamos refletir melhor sobre tais contribuições das redes sociais, pois seus malefícios também existem e estão postos todos os dias e em todos os perfis midiáticos, não se trata de analisar ou compreender um mundo de uma forma pessimista ou sombria, mas de ser um indivíduo crítico e valorizar este estado de criticidade.

## **Metodologia**

Para entender o que motiva os professores e alunos, de nível superior, a usar o Facebook e como esta rede social cumpre essas motivações, uma pesquisa online será

realizada. A pesquisa será projetada para buscar medir qualitativamente as diferentes e possíveis motivações para o uso do Facebook e da importância com que os diferentes públicos, professores e alunos, usam o Facebook de maneira a agregarem valores educativos e, ou simples entretenimento dispersado de uma reflexão mais profunda.

Então será proposto um questionário, com cerca de vinte questões, que irá promover indagações que provoquem inquietações sobre os motivos da utilização da rede social (Facebook), atentando para a contribuição cultural e educacional para o indivíduo enquanto sujeito ativo e participativo dos movimentos que a rede social proporciona e impulsiona, e de como esta rede pode ser uma ferramenta educacional no nível superior de ensino e aprendizagem. Perguntas como os usos que o internauta faz costumeiramente da rede social, dos tipos de imagens e comentários que costumam *curtir*, *comentar*, *compartilhar* e *publicar* nas suas páginas, dos tipos de perfis que costuma acessar, do tempo gasto na rede por acesso, da frequência dos acessos, dos grupos de amigos que possui que vão além das virtuais, se participa de outras redes sócio-virtuais, dentre outras questões, assim como análise de imagens de grande repercussão e compartilhamento de usuários no Facebook.

A pesquisa se caracteriza como qualitativa, uma vez que procura explorar, entender as atribuições que os indivíduos ou grupos específicos de indivíduos corroboram para a ferramenta sócio-virtual se propagar e solidificar enquanto rede social. Este processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que surgem como os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, esta análise dos dados indutivamente construídos a partir das peculiaridades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador sobre o significado dos dados (CRESWELL, 2010). Como estudiosa que aborda o formato de pesquisa social qualitativa Minayo afirma que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 2011).

Sendo assim, a pesquisa irá além de dados numéricos e de grande escala, puramente objetivo, mecanizado, quantificado; abordará aspectos mais subjetivos, que permita uma maior expressão dos significados, dos desejos. A coleta destes dados se dará através de questionário realizado via mensagem da rede social - Facebook. Os

participantes serão alunos e professores que já façam parte da rede de amizades virtuais dos pesquisadores. Serão dois grupos analisados separadamente, com a mesma proposta de apreciação e mesmos mecanismos, no caso um questionário de igual teor de perguntas, sendo um grupo de cerca de 20 colaboradores entre docentes e discentes de nível superior entre 20 e 30 anos de idade e outro grupo de também 20 participantes, com faixa etária de 31 a 50 anos de idade do mesmo nível de escolaridade, todos vinculados à Instituição de Ensino Superior – Universidade Federal de Pernambuco, com devida orientação e permissão documentada dos participantes para utilização dos dados coletados com a finalidade de constituir parte integrante da pesquisa. A média total de entrevistados será de 40 e o prazo para realização da pesquisa em torno de 40 dias, para que os mesmos possam responder às questões e retornar satisfatoriamente o questionário aos pesquisadores com um prazo amplo, que possibilite uma maior liberdade para responder quando mais oportuno ao colaborador, livres de pressões de horários cronometrados.

Ainda que a pesquisa se caracterize também como bibliográfica, pois a fundamentação teórico-metodológica do trabalho foi desenvolvida com base em publicações científicas coletando e analisando dados em arquivos já existentes sobre os usos da rede social, e conseqüentemente se caracterizando também como pesquisa aplicada, pois objetiva gerar conhecimentos em situações práticas, que se apliquem facilmente ao cotidiano dos investigados. A presente pesquisa objetiva confrontar as informações teóricas com as práticas, gerando um saber teórico-metodológico que retifique, amplie ou reafirme às problematizações do início da pesquisa, como as intenções dos usuários das redes sociais frente a questões educacionais e de entretenimento.

### **Considerações Finais**

Este trabalho buscou muito mais que transmitir dados sobre as redes sociais mais utilizadas no Brasil ou simplesmente lançar um perfil dos usuários mais regulares do Facebook. O objetivo esteve na captação das motivações, das intenções, dos valores, dos conhecimentos pedagógicos que as redes sociais trazem para os sujeitos inseridos nelas, enquanto estudantes e professores de nível superior. Tendo em vista o caráter preparador da educação formal, tradicional da escola, o Facebook também apresenta no seu bojo a preocupação de muitos participantes com essas intenções. Buscando na

prática diária, de fácil e rápida difusão promover relações afetivas e sociais, e ao observarmos que diante da emergência cada vez maior das ferramentas tecnológicas e seus ciberespaços, o ensino e a aprendizagem estão permeando não só a sala de aula como espaço físico, mas também os espaços virtuais, e nisto as redes sociais estão contribuindo bastante para a disseminação das informações, e até mesmo ampliando o conceito de educação à distância, e esta aproximação que as redes sociais proporcionam, permitem uma incorporação dos espaços virtuais de aprendizagens com os escolares formais e informais.

As inúmeras redes sociais crescem a cada dia, e ganham adeptos tantos nativos como imigrantes, que de certo modo fazem o uso destes espaços como via à existência virtual, ou seja, a sua ciberidentidade.

Logo, verificar o tempo que é gasto com as redes sociais e a sua permanência em conexão é uma análise permanente que cada usuário deve aplicar para assim não se tornar alheio à realidade analógica e entender a realidade virtual como a única realidade vigente. Porém, é válido ressaltar que existem implicações para o uso desses espaços e suas ferramentas, implicações estas que podem ou não direcionar a educação para uma melhora constate no seu sentido crítico como também direcionar a “nova cegueira”, a “cegueira intelectual”, onde não há espaço à criticidade, mas uma mera reprodução, sem questionamentos e sem uma análise devidamente apurada.

Contudo, a utilização dos ciberespaços como ferramenta educacional é uma maneira formidável de proposta pedagógica de inserção tecnológica, se esta estiver congruente com a realidade de cada indivíduo, pois estes espaços servem para a ampliação do saber e não ao reducionismo dele e das funções que as redes sociais dispõem, onde a pedagogia pode perfeitamente entrar como a ponte para esta práxis.

Então diante deste panorama podemos agora refletir de que maneira podemos atribuir valores positivos e/ou negativos ao uso dos espaços virtuais, e quais são realmente suas contribuições e suas implicações para uma perspectiva educacional reflexiva, e com o nível de criticidade construtiva e não banalizada pelo próprio espaço criado virtualmente, entender o indivíduo virtual é entender a virtualização do indivíduo, se não compreendermos este simulacro virtual possivelmente o entendimento da realidade a nossa volta ficará prejudicado.

## **Referências**

AGUIAR, Sônia. **Redes sociais na internet:** desafios à pesquisa. Trabalho publicado no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

BRUNO, Fernanda. **Dispositivos de vigilância no ciberespaço:** duplos digitais e identidades simuladas. Vol. VIII Nº 2 - maio/agosto 2006, Revista Fronteiras - estudos midiáticos, VIII(2): 152-159, maio/agosto: Unisinos, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. **A Troca Impossível.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira 2002.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação.** Relógio d'Água, 1991.

BUMGARNER, B. A. (2007). **You have been poked:** exploring the uses and gratifications of Facebook among emerging adults. First Monday, 22(11). Disponível em: <http://tinyurl.com/44tfhgy>. Acesso em: 01 junho 2012.

comScore Media Matrix, 2005. "**A pontuação:** Alcançando animais sociais" Conexão iMedia, no <http://www.imediacion.com/content/6515.asp>, acessado em 02 de junho de 2012.

CRESWELL, Jonh W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

COSTA, Rogério da. **Por um novo conceito de comunidade:** redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, vol. 9, núm. 17, março-agosto, 2005, pp. 235-248. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de Reduzir as cabeças:** sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2005.

FACEBOOK. Disponível em: <http://pt-pt.facebook.com/facebook?sk=info>. Acesso em: 28 de maio 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

<http://cachynetworks.wordpress.com/o-que-sao-redes-sociais/historia-das-redes-> acessado em 01 de Junho de 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LISBÔA, Eliana Santana. **Aprendizagem Informal na Web Social?** Um estudo na rede social Orkut. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Área de Conhecimento em Tecnologia Educativa. Universidade do Minho 2010.

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais** - aplicação nos estudos de

transferência da informação. Ci. Inf., Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MAZMAN, S. G. e USLUDEL, Y. K. **Modeling educational usage of Facebook**. Computers & Education, n. 55, 27 jan. 2010. P. 444-453.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30ª edição. RJ, Petrópolis: Vozes, 2011.

PATRÍCIO, R. E GONÇALVES, V. **Facebook: rede social educativa?** I Encontro Internacional TIC e Educação, 2010. P. 53 – 598.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. From On the Horizon (MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October 2001). Disponível em: [www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digita%20Imigrants%20-%20Part1.pdf](http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digita%20Imigrants%20-%20Part1.pdf), acessado em 02 de junho de 2012.

WATTERS, Ethan. **Tribos urbanas: Uma geração redefine a amizade, família e compromisso**. New York: Bloomsbury, 2003.